PROTESTOS “NO KINGS” E A REDE DE FINANCIAMENTO PROGRESSISTA: AMEAÇA À UNIDADE AMERICANA?

*Por Angélique Bouchard**

Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

Milhões de americanos protestam contra Donald Trump em 2025, impulsionados por fundos de Soros e Tides, levantando questões sobre orquestração política, polarização e as eleições de meio de mandato de 2026.

MILHÕES NAS RUAS, MILHÕES NOS COFRES?

Enquanto milhões de americanos (sete milhões de acordo com os organizadores, dois milhões segundo a polícia, o que, mesmo com o número de sete milhões e para um país com pouco mais de 340 milhões de habitantes, representa 2% da população total dos EUA) foram às ruas em 18 de outubro de 2025, para os protestos “No Kings” (“Sem Reis”) em mais de 2.500 cidades em todos os 50 estados, uma pergunta se impõe: quem realmente está no comando? Esses protestos maciços, orquestrados pelo Indivisible e uma coalizão de 200 grupos progressistas, têm como alvo o governo Trump, denunciando as chamadas políticas “autoritárias”, como a federalização da Guarda Nacional e as batidas do ICE contra imigrantes ilegais.

Mas por trás dos cartazes amarelos e dos slogans anti-Trump, surge uma rede de financiamento bem estruturada, dominada pelas Fundação Open Society (OSF, *Open Society Foundation*) de George Soros e Fundação Tides. A *Fox News* levanta o véu sobre

essa máquina de "resistência" que ameaça dilacerar os Estados Unidos, em meio a uma paralisação do governo e às vésperas das eleições de meio de mandato de 2026.

Esta reportagem exclusiva compila os fatos crus: os maciços fluxos financeiros, as conexões políticas e os riscos para a democracia americana. De Nova York a Los Angeles, incluindo Nova Jersey, onde a candidata Democrata Mikie Sherrill surfa na onda anti-Trump, os protestos "No Kings" não são apenas um grito de rua — são uma estratégia eleitoral financiada por bilhões. Aqui está o que é preciso saber.

QUESTÕES POLÍTICAS: UMA NAÇÃO DIVIDIDA PELA "RESISTÊNCIA"

Os protestos "No Kings" de 18 de outubro de 2025, a segunda onda desde junho, transformaram as ruas americanas em campos de batalha ideológicos. Com milhões de participantes denunciando Trump como um "*rei autoproclamado*", esses protestos — em grande parte pacíficos, com zero prisões em Nova York (100.000 manifestantes) e poucos em outros lugares — revelam uma profunda divisão. Os Republicanos os veem como uma tentativa desesperada dos Democratas de desviar a atenção de um *shutdown* do governo que está paralisando o país.

SHUTDOWN COMO ARMA POLÍTICA?

O presidente da Câmara, Mike Johnson (Republicano), declarou sem rodeios na *Fox News* que esses protestos são um "*circo*" orquestrado pela "*ala pró-Hamas e Antifa*" para bloquear as negociações orçamentárias.

"*Espero que Chuck Schumer e seus colegas Democratas retornem à mesa de negociações depois de apaziguar sua base esquerdista, mas não conto com isso*", disse ele. Os Republicanos acusam os Democratas de usar o movimento "No Kings" para exercer pressão em um impasse orçamentário, em detrimento dos americanos comuns.

A retórica está esquentando: o senador Chris Van Hollen (Democrata) ousou comparar os Republicanos a "*covardes*" que chamaram George Washington de "*terrorista*", enquanto o senador Roger Marshall (R) alertou na *Newsmax* (transmitida pela *Fox*):

"*Os agitadores estão chegando. A Guarda Nacional terá que intervir. Espero que seja pacífico. Duvido.*"

Essa polarização, alimentada pelo envio de tropas a Chicago e Portland, corre o risco de prolongar a paralisação, com impactos econômicos devastadores.

NOVA JERSEY, CAMPO DE BATALHA ELEITORAL

Em Nova Jersey, a candidata Democrata ao governo, Mikie Sherrill, transformou um comício "No Kings" na cidade de Montclair em uma plataforma de campanha, prometendo lutar contra Trump "*com unhas e dentes*".

Apoiada por Barack Obama e Gretchen Whitmer, ela acusa Trump de uma "*fraude global de criptomoedas*" e elogia a era Biden, em que "*os empregadores estavam contratando*".

Diante dela, Jack Ciattarelli (R) rebate, denunciando Sherrill como uma "*não centrista*" alinhada a escândalos como o da Academia Naval. Pesquisas da *Fox News* (10 a 14 de outubro) mostram Sherrill com 50% contra 45% de Ciattarelli, uma redução desde setembro (uma diferença de oito pontos percentuais). Os "No Kings" estão impulsionando os Democratas neste estado indeciso, mas a que custo?

SOROS: MESTRE DAS MARIONETES DA "RESISTÊNCIA"?

BILHÕES PARA A REVOLTA?

George Soros é o notório investidor e doador bilionário Democrata que injetou dezenas de bilhões em suas fundações desde 1993, com foco na promoção da "sociedade aberta" — um ideal filosófico inspirado por Karl Popper, que visa combater o autoritarismo e fomentar a participação cívica.

George Soros está no centro da tempestade. Sua Fundação Open Society, liderada por seu filho Alexander, injetou US$ 7,61 milhões na Indivisible desde 2017, incluindo uma doação maciça de US$ 3 milhões em 2023, de acordo com a *Fox News Digital*. Esses fundos, destinados a "*atividades de bem-estar social*", financiam a infraestrutura do "No Kings": sites, mapas interativos e treinamento em "*resistência pacífica*". A Indivisible, a principal organizadora dos 2.500 protestos, gerencia dados e comunicações para mobilizar milhões.

Embora a OSF insista — por meio de um porta-voz — que "*não paga, treina ou coordena manifestantes*" e que "*se opõe a todas as formas de violência, incluindo protestos violentos*", essas doações financiam infraestrutura logística essencial: sites para organizar protestos, treinamento em "*participação democrática pacífica*" e ferramentas de mobilização digital.

Uma conexão pessoal reforça essa proximidade: Tom Perriello, codiretor executivo da Indivisible, atuou como diretor executivo da OSF de outubro de 2018 a julho de 2023, ilustrando uma rede fluida entre filantropia e ativismo. Essas conexões transformam a Indivisible, fundada em 2016 como um "*movimento de base*" contra Trump, em um ator profissionalizado, longe da imagem de uma mobilização espontânea.

REDE DE INFLUÊNCIA

O senador Ted Cruz (R) é direto: "*Esta marcha politizada é organizada por agentes de Soros e financiada com dinheiro de Soros. Ninguém nega esses fatos.*"

Na *Fox News*, ele acusou essa "*rede de violência esquerdista*" de ameaçar a nação, vinculando o movimento "No Kings" aos protestos anti-Israel de 2024. A OSF, com US$ 23 bilhões distribuídos desde 1993, é um pilar da esquerda global, mas seu papel no movimento "No Kings" alimenta suspeitas de interferência. Perriello, ex-diretor da OSF (2018-2023) e atual codiretor da Indivisible, personifica esse vínculo incestuoso entre filantropia e ativismo.

RISCO DE CAOS?

Adam Swart, CEO da Crowds on Demand, alertou: ofertas de US$ 20 milhões estão circulando para recrutar manifestantes, correndo o risco de atrair "*agitadores externos*". O próprio presidente Trump prometeu em agosto "*erradicar*" essa rede, chamando Soros de "*psicopata*". Sua porta-voz, Abigail Jackson, minimizou os protestos com um "*Quem se importa?*", mas os Republicanos estão preparando contra-ataques: a "Lei Stop Funders" de Cruz visa impor acusações RICO[1] a financiadores como Soros, ameaçando seu *status* tributário 501(c).

Esses fundos de Soros expõem os Democratas a acusações de "duplicidade", especialmente em estados indecisos como Nova Jersey, onde a candidata Mikie Sherrill (D) está usando a campanha "No Kings" para impulsionar sua campanha contra Jack Ciattarelli (R), prometendo lutar "*com unhas e dentes*" contra Trump. Pesquisas mostram uma redução (50% contra 45%), onde a mobilização anti-Trump, financiada por Soros, está se tornando um trunfo eleitoral, mas também um fardo retórico.

No geral, esse financiamento exacerba a polarização: legitima a base progressista (73% das doações da Indivisible vêm de "*grandes doadores*" ou fundações, segundo a *Fox*), ao mesmo tempo em que reforça a narrativa trumpista de uma "*oposição paga*", minando a confiança nas instituições democráticas.

FUNDAÇÃO TIDES: FINANCIAMENTO ANÔNIMO PARA A ESQUERDA

DISFARCE PARA BILIONÁRIOS

A Fundação Tides, com sede em São Francisco, atua como "doadora anônima", canalizando mais de US$ 1 bilhão anualmente para causas progressistas. Essa estrutura serve como um fundo assessorado por doadores dentro do ecossistema de organizações de esquerda nos Estados Unidos. Atua como intermediária fiscal, permitindo que doadores privados canalizem fundos para causas progressistas, preservando seu anonimato, por meio de sua afiliação à Tides Network (que inclui a Tides Advocacy e outras entidades). Com mais de US$ 1 bilhão sob gestão anualmente, a Fundação Tides é frequentemente criticada pela direita por seu apoio a movimentos considerados radicais, como os protestos anti-Trump ou anti-Israel.

Além disso, a Fundação Tides opera como um guarda-chuva para doadores anônimos, ocultando a origem dos fundos — uma prática legal, porém controversa, acusada de burlar a transparência tributária (*status* 501 (c) (3)). Ao contrário da OSF (que injetou US$ 7,61 milhões na Indivisible desde 2017, incluindo US$ 3 milhões em 2023), a Tides fornece suporte mais discreto, porém essencial, para a infraestrutura operacional, conectando Soros a coalizões mais amplas, como os Socialistas Democráticos da América.

[1] *A lei RICO (*Racketeer Influenced and Corrupt Organizations Act*) é usada para processar pessoas que se envolvem em um padrão de atividades criminosas (atividade de extorsão) através de uma empresa ou organização.*

Para o movimento “No Kings”, ela doou US$ 350.000 para a Indivisible em 2017, por meio da Tides Advocacy, e centenas de milhares a mais desde então, segundo a *Fox News*. Em 2023, US$ 145.000 financiaram a Community Change Action, uma aliada da “No Kings” em Washington. Esses fundos apoiam a logística: bancos de dados, guias antiviolência e ferramentas digitais para os 2.500 protestos.

ACUSAÇÕES DE SUBVERSÃO

A *Fox News* associa a Tides aos “*distúrbios anti-Israel*” de 2024, alimentando a narrativa de uma “*rede de esquerda*” com Soros.

Cruz esbraveja: “*Soros e a Tides estão financiando esta marcha politizada. O governo Trump vai retaliar.*” Esse papel de “guarda-chuva” para doadores anônimos (como Hansjörg Wyss, que doou US$ 6,4 milhões para a Indivisible) torna o Tides tóxico para os Republicanos, que o veem como uma forma de burlar a transparência fiscal. Mike Johnson acusa esses fundos de alimentar a “*ala Antifa*”, apontando para as raras prisões (Denver, Portland) para desacreditar os “No Kings”.

UMA QUESTÃO ELEITORAL

Em Nova Jersey, os fundos do Tides via Indivisible impulsionam Sherrill, fortalecendo sua liderança eleitoral (50% contra 45%, *Fox News*). Mas isso expõe os Democratas a ataques: Cruz está pressionando por sanções da Lei RICO contra a Tides, arriscando criminalizar a filantropia progressista.

GUERRA FINANCEIRA NAS RUAS AMERICANAS?

O “No Kings” não é um simples grito de guerra — é uma operação financiada por Soros (US$ 7,61 milhões) e pelo Tides (US$ 350.000+), transformando a “resistência” em uma máquina eleitoral. A *Fox News* expõe uma rede que ameaça a unidade nacional, com Republicanos como Cruz e Johnson prontos para contra-atacar com leis contra o dinheiro obscuro. Para os Democratas, trata-se de uma luta pela “*democracia*” contra um Trump “*autoritário*”.

Mas a que custo? À medida em que as eleições de meio de mandato de 2026 se aproximam, a Tides pode galvanizar a base Democrata contra o “*autoritarismo de Trump*” (invasões do ICE, *shutdown*), mas ao custo de uma polarização crescente, onde as ruas se tornam arenas eleitorais financiadas anonimamente.

Publicado no Le Diplomate.Media.

***Angélique Bouchard** é formada pela La Rochelle Business School (Excelia) – Bacharelado em Comunicação e Estratégias Digitais, e pelo CELSA (Universidade Sorbonne). Possui mestrado em pesquisa, com especialização em Geopolítica da Mídia. Ela é jornalista freelancer e trabalha para diversos veículos de comunicação.*